



Nível de atividade

Tabela 1.1 – Índice de volume de vendas

Discriminação	Variação percentual			
	2014			
	Abr	Mai	Jun	Jul
No mês^{1/}				
Comércio varejista	-0,3	0,0	-0,7	-1,1
Combustíveis e lubrificantes	-1,0	0,3	-2,0	0,8
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	-0,8	-0,3	0,5	-1,3
Tecidos, vestuário e calçados	-1,2	0,9	-1,1	-0,1
Móveis e eletrodomésticos	-0,3	1,7	-4,0	-4,1
Artigos farmacêuticos, médicos	-0,7	1,2	-0,8	0,0
Livros, jornais, revistas e papelaria	-2,3	0,5	-4,5	2,1
Equipamentos e materiais para escritório	-3,3	1,2	-4,8	0,9
Outros artigos de uso pessoal	0,0	1,8	-0,9	-0,4
Comércio ampliado	0,1	-0,7	-3,4	0,8
Materiais de construção	-0,9	-1,2	-4,8	3,8
Automóveis e motocicletas	4,6	-2,6	-7,0	4,3
Trimestre/trimestre anterior^{1/}				
Comércio varejista	-0,3	-0,6	-0,9	-1,2
Combustíveis e lubrificantes	0,1	-1,0	-2,2	-2,1
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	-0,6	-1,6	-1,6	-1,2
Tecidos, vestuário e calçados	-3,0	-3,1	-2,3	-1,3
Móveis e eletrodomésticos	0,3	1,6	0,1	-2,2
Artigos farmacêuticos, médicos	2,0	2,2	0,5	0,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	-6,1	-5,0	-5,0	-3,5
Equipamentos e materiais para escritório	1,4	-0,3	-5,0	-5,5
Outros artigos de uso pessoal	0,8	0,9	0,8	1,0
Comércio ampliado	-2,0	-2,0	-3,0	-3,0
Materiais de construção	0,3	-2,9	-4,9	-5,2
Automóveis e motocicletas	-6,7	-2,5	-2,1	-2,8
No ano				
Comércio varejista	5,0	4,9	4,3	3,5
Combustíveis e lubrificantes	6,4	5,5	4,1	3,4
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	4,3	4,0	3,5	2,9
Tecidos, vestuário e calçados	-1,1	-0,3	-0,7	-1,3
Móveis e eletrodomésticos	5,5	6,1	5,1	2,9
Artigos farmacêuticos, médicos	10,7	10,6	10,1	9,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-5,0	-4,7	-5,7	-6,5
Equipamentos e materiais para escritório	-1,7	-2,1	-3,0	-3,8
Outros artigos de uso pessoal	9,3	9,9	9,6	9,0
Comércio ampliado	1,6	1,4	0,1	-0,6
Materiais de construção	3,7	3,3	2,0	1,2
Automóveis e motocicletas	-5,4	-5,7	-7,9	-8,6

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

O PIB recuou 0,6% no segundo trimestre de 2014, em relação ao primeiro, quando havia decrescido 0,2%, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado repercutiu, sob a ótica da oferta, desempenhos negativos do setor industrial (1,5%) e do setor de serviços (0,5%) e expansão moderada do setor agropecuário (0,2%). No âmbito da demanda doméstica, destacaram-se o recuo dos investimentos e a ligeira retomada do consumo das famílias, e no componente externo, o aumento das exportações.

Indicadores de atividade de julho, notadamente produção industrial e vendas no varejo, sugerem expansão da atividade no terceiro trimestre.

1.1 Comércio

As vendas do comércio ampliado aumentaram 0,8% em julho, em relação ao mês anterior, mas ainda assinalam recuo de 3,0% no trimestre encerrado nesse mês, em relação ao finalizado em abril, quando haviam decrescido 2,0%, no mesmo tipo de comparação, dados dessazonalizados. No trimestre encerrado em julho, ocorreu redução nas vendas em oito dos dez segmentos pesquisados, com destaque para equipamentos e materiais para escritório, 5,5%; materiais de construção, 5,2%; livros jornais revistas e papelaria 3,5%.

As vendas do comércio varejista¹ decresceram 1,2% no período. Por região, a única elevação trimestral ocorreu no Norte (1,3%) e a redução mais acentuada, no Centro-Oeste (2,1%).

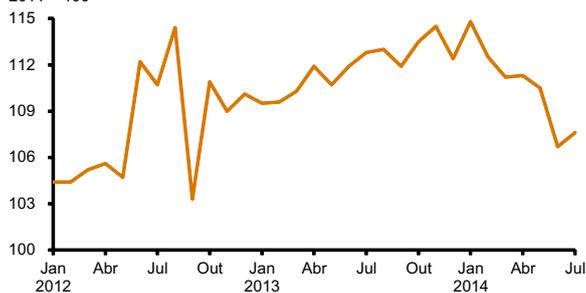
Segundo dados dessazonalizados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), as vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 30% na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (conceito ampliado), cresceram 2,3% no trimestre finalizado em julho de 2014, em relação ao encerrado em abril. As vendas de automóveis

1/ Conceito que exclui do comércio ampliado os segmentos veículos e motos, partes e peças, e material de construção.

Gráfico 1.1 – Índice de volume de vendas no varejo – Conceito ampliado

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

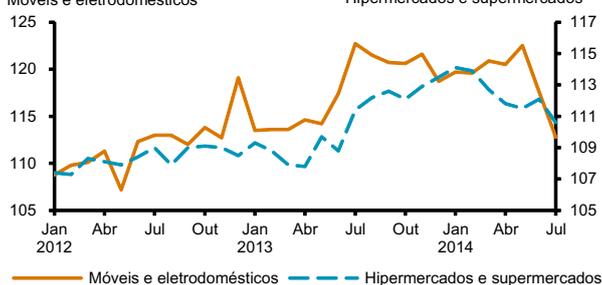
Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo – Segmentos selecionados

Dados dessazonalizados

2011 = 100

Móveis e eletrodomésticos

Hipermercados e supermercados

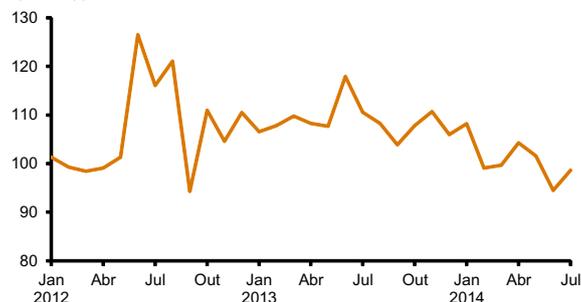


Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo – Veículos e motos, partes e peças

Dados dessazonalizados

2011 = 100

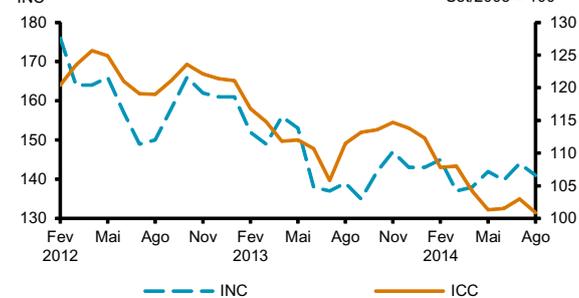


Fonte: IBGE

Gráfico 1.4 – Índice Nacional de Confiança (INC – ACSP) e Índice de Confiança do Consumidor (ICC – FGV)

INC

ICC



Fontes: ACSP e FGV

e comerciais leves, divulgadas pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), recuaram 13,3% no trimestre encerrado em agosto.

O índice Serasa Experian de Atividade do Comércio, de abrangência nacional, construído a partir de consultas mensais realizadas pelos estabelecimentos comerciais aos cadastros da Serasa, recuou 0,1% no trimestre encerrado em agosto de 2014, em relação ao finalizado em maio, quando decrescera 1,5%.

A inadimplência do consumidor atingiu 6,0% no estado de São Paulo, no trimestre encerrado em agosto de 2014 (5,9% em igual período de 2013), de acordo com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP). O Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor² cresceu 3,2% em agosto, em relação ao mês anterior, segundo dados dessazonalizados, terceiro aumento consecutivo nessa base de comparação.

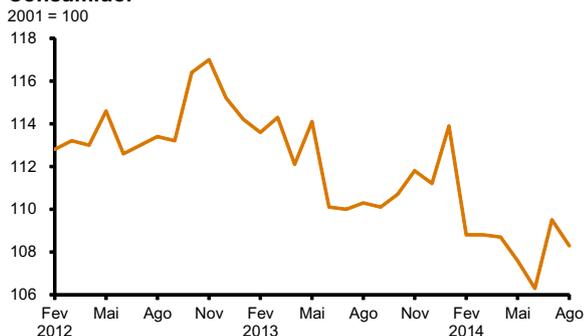
O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), recuou 1,0% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, com retrações de 0,8% no Índice da Situação Atual (ISA) e de 2,0% no Índice de Expectativas (IE). O ICC retraiu 9,5% em relação a agosto de 2013, situando-se em patamar 11,1 pontos abaixo da média histórica.

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), recuou 1,1% em agosto (variações de 3,0% em julho e de -1,2% em junho). Destacaram-se o aumento do pessimismo nos componentes expectativas de inflação e situação financeira. O indicador decresceu 1,8% em doze meses.

O Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela Ipsos Public Affairs para a ACSP, recuou 2,1% em agosto, em relação ao mês anterior (variações mensais de 3,0% em julho e de -1,6% em junho). Ocorreram retrações no Norte/Centro-Oeste (6,3%), Nordeste (3,0%) e no Sudeste (2,2%), e crescimento de 6,0% no Sul. O INC retraiu 5,0% em relação a agosto de 2013.

2/ Inclui os atrasos junto a financeiras, cartões de crédito, empresas não financeiras e bancos, além de títulos protestados e segunda devolução de cheques por insuficiência de fundos.

Gráfico 1.5 – Índice Nacional de Expectativa do Consumidor



Fonte: CNI

Tabela 1.2 – Produção industrial

Trimestre/trimestre anterior^{1/}

Discriminação	2014			
	Abr	Mai	Jun	Jul
Indústria geral	-0,2	-0,5	-2,0	-2,1
Por seção				
Indústria extrativa	0,4	1,9	1,7	1,9
Indústria de transformação	-0,2	-0,6	-2,4	-2,5
Por categoria de uso				
Bens de capital	4,4	1,9	-8,4	-8,0
Bens intermediários	-0,9	-0,2	-0,8	-1,3
Bens de consumo	1,5	0,6	-3,8	-4,5
Duráveis	1,6	-3,1	-13,6	-17,1
Semi e não duráveis	1,1	1,5	0,6	0,4

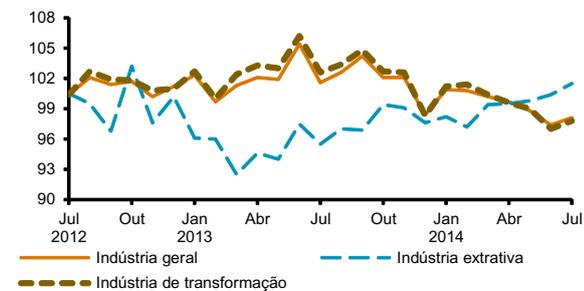
Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.6 – Produção industrial^{1/}

Indústria geral e seções

2012 = 100



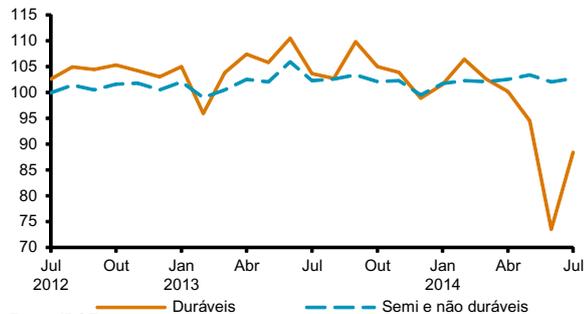
Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

Gráfico 1.7 – Produção industrial^{1/}

Bens de consumo

2012 = 100



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

1.2 Produção

Produção industrial

A produção física da indústria diminuiu 2,1% no trimestre finalizado em julho, em relação ao encerrado em abril, mesmo incorporando o aumento de 0,7% observado no último mês, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. A indústria extrativa expandiu 1,9% no trimestre, enquanto a de transformação recuou 2,5%, com destaque para as atividades equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-17,4%), veículos automotores (-14,2%) e metalurgia (-8,1%).

A análise por categorias de uso revela recuos trimestrais nas indústrias de bens de consumo duráveis (17,1%), bens de capital (8,0%) e de bens intermediários (1,3%), e aumento de 0,4% na de bens de consumo semi e não duráveis.

O pessoal ocupado na indústria recuou 1,6% no trimestre finalizado em julho, em relação ao encerrado em abril, segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. A folha de pagamento real diminuiu 1,2% no período.

A utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria de transformação atingiu média de 83,3% no trimestre finalizado em agosto (84,3% no encerrado em maio), de acordo com dados dessazonalizados da Sondagem da Indústria da FGV. A redução trimestral refletiu retrações nos indicadores das indústrias de bens de capital (1,5 p.p.), bens intermediários (1,1 p.p.), bens de consumo duráveis (0,7 p.p.) e de bens de consumo não duráveis (0,1 p.p.).

O índice de estoques da indústria atingiu 110,5 pontos³ no trimestre encerrado em agosto (106,9 pontos no finalizado em maio), de acordo com dados dessazonalizados da FGV. Essa evolução refletiu aumentos nos indicadores das indústrias de bens de consumo duráveis (4,2 pontos) e de bens intermediários (2,6 pontos), em parte, contrabalançados por reduções nos índices das indústrias de bens de consumo não duráveis (3,3 pontos) e de bens de capital (0,8 ponto).

O Índice de Confiança da Indústria⁴ (ICI) apresentou o oitavo recuo mensal consecutivo em agosto, para 83,4 pontos, segundo dados dessazonalizados da FGV. O ICI

3/ Complemento de 200 pontos do índice original divulgado pela FGV. Valores acima de 100 pontos indicam estoques acima do planejado.

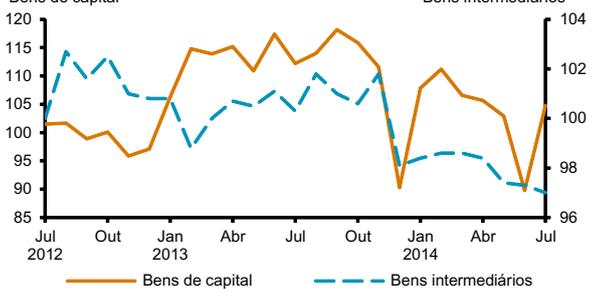
4/ Valores acima de 100 pontos indicam sentimento de otimismo.

Gráfico 1.8 – Produção industrial^{1/}

Bens de capital e intermediários

2012 = 100

Bens de capital



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

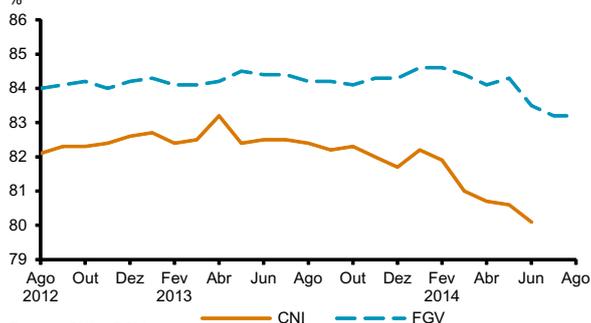
médio do trimestre encerrado em agosto totalizou 85 pontos, ante 94,2 pontos no trimestre terminado em maio, com reduções nos indicadores das indústrias de bens de capital (9,7 pontos), bens intermediários (8,9 pontos), bens de consumo duráveis (8,9 pontos) e de bens de consumo não duráveis (4 pontos).

O Índice de Gerentes de Compras⁵ (PMI) da indústria atingiu 50,2 pontos em agosto, considerada a série dessazonalizada pela Markit, indicando aumento da atividade industrial após quatro meses sinalizando diminuição.

Gráfico 1.9 – Utilização da capacidade instalada^{1/}

Indústria de transformação

%



Fontes: CNI e FGV

1/ Séries com ajuste sazonal.

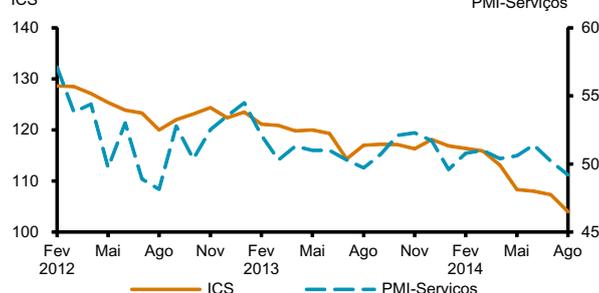
Serviços

A receita nominal do setor de serviços aumentou 4,6% em julho de 2014, em relação a igual mês de 2013 (5,8% em junho e 6,6% em maio, na mesma base de comparação), segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE. Destacaram-se as reduções nas taxas de crescimento nos segmentos serviços prestadas às famílias (de 11,1% para 5,4%) e serviços de tecnologia de informação e comunicação (de 5,7% para 2,1%).

Gráfico 1.10 – Indicadores de confiança no setor de serviços

ICS e PMI-Serviços – Dados dessazonalizados

ICS



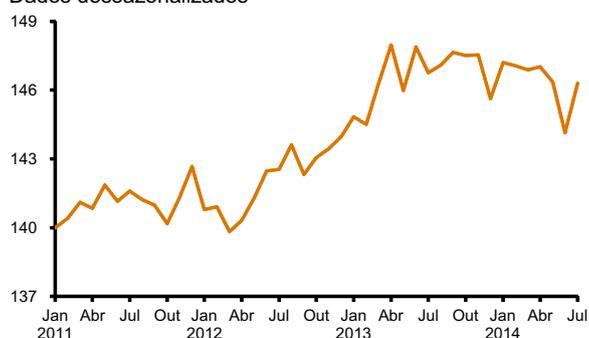
Fontes: FGV e Markit

O Índice de Confiança de Serviços (ICS) atingiu 104 pontos em agosto (107,3 pontos em julho e média histórica de 122,8 pontos), de acordo com dados dessazonalizados da FGV. A evolução mensal refletiu aumento de 0,8% no ISA-S e recuo de 5,7% no IE-S.

O PMI-Serviços para a atividade negócios atingiu 49,2 pontos em agosto, retornando à área de retração da atividade após seis meses.

Gráfico 1.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central

Dados dessazonalizados

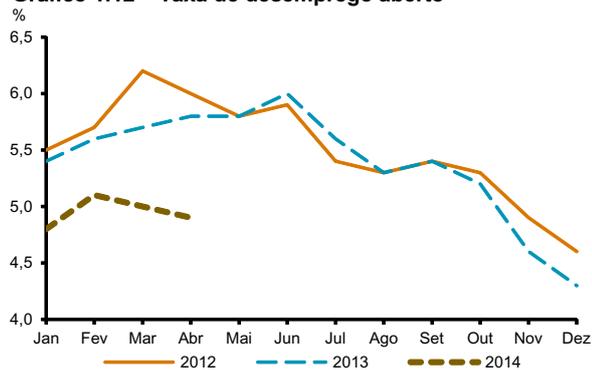


Índice de atividade do Banco Central

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) recuou 0,95% no trimestre encerrado em julho, em relação ao finalizado em abril, quando havia crescido 0,14%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados. Consideradas variações interanuais, o indicador recuou 0,23% em julho, 2,15% em junho e 0,17% em maio.

5/ O PMI sintetiza a evolução mensal dos indicadores de novos pedidos, produção, emprego, prazo de entrega e estoque de insumos. Valores superiores a 50 representam expansão mensal da atividade.

Gráfico 1.12 – Taxa de desemprego aberto



Fonte: IBGE

Tabela 1.3 – Evolução do emprego formal

Discriminação	Novos postos de trabalho (em mil)			
	2013	2014		
		2º trim	Ago	No ano ^{2/}
Total	730,7	189,6	101,4	606,3
Indústria de transformação	83,6	-60,5	-4,1	15,9
Comércio	208,0	8,7	40,6	-34,8
Serviços	408,9	138,8	71,3	427,5
Construção civil	35,1	-5,4	2,2	60,7
Agropecuária	-29,3	99,0	-9,6	103,8
Serviços ind. de util. pública	5,4	1,4	0,1	5,0
Outros ^{1/}	19,0	7,6	0,9	28,1

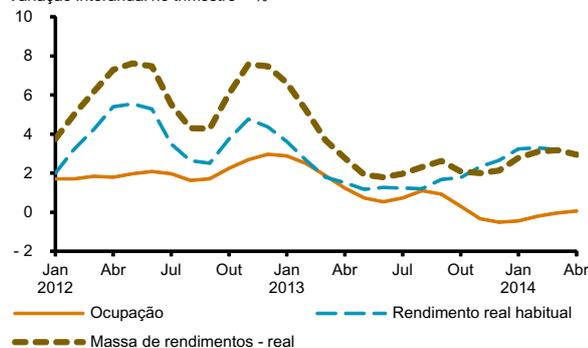
Fonte: MTE

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

2/ Acumulado de janeiro a agosto.

Gráfico 1.13 – Ocupação, rendimento e massa

Variação interanual no trimestre – %



Fonte: IBGE

1.3 Mercado de trabalho

A taxa média de desemprego, consideradas as seis regiões metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, atingiu 5,0% no primeiro quadrimestre do ano (5,6% em igual período de 2013)⁶. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego situou-se em 4,6% em abril, ante 5,1% no final de 2013, com aumento de 0,1% da população ocupada e redução de 0,3% da população economicamente ativa. Considerados dados mais recentes, disponíveis para quatro regiões metropolitanas, as taxas de desemprego atingiram, no trimestre encerrado em julho, 3,6% no Rio de Janeiro, 4,1% em Belo Horizonte, 4,9% em São Paulo e 6,6% em Recife (4,7%, 4,3%, 5,8% e 7,6%, respectivamente, no mesmo período de 2013).

A economia brasileira gerou 138,6 mil postos formais de trabalho no trimestre encerrado em agosto de 2014 (292,9 mil em igual período de 2013), segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Destacaram-se as criações líquidas de empregos no setor de serviços (114,3mil) e na agricultura (41,1 mil), e a eliminação de 48,1 mil vagas na indústria de transformação.

O rendimento médio real habitualmente recebido da principal ocupação cresceu 2,9% no trimestre encerrado em abril de 2014, em relação a igual trimestre do ano anterior (3,2% no trimestre encerrado em janeiro de 2014), segundo a PME. Destacaram-se os ganhos reais nos segmentos construção civil, 7,3%; comércio, 6,2%; e serviços domésticos, 5,0%. A massa salarial real, produto do rendimento médio habitual pelo número de ocupados, cresceu 2,9% no trimestre.

1.4 Produto Interno Bruto

O PIB diminuiu 0,6% no segundo trimestre de 2014, em relação ao anterior, de acordo com dados dessazonalizados das Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.

Sob a ótica da oferta, ocorreram variações trimestrais de 0,2% no produto da agropecuária, de -1,5% no da indústria e de -0,5% no dos serviços, ante 3,1%, -1,2% e estabilidade, respectivamente, no trimestre encerrado em março. Ressalte-

6/ Em virtude da paralisação parcial de servidores, o IBGE interrompeu a partir de maio a divulgação dos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) referente a duas das seis regiões metropolitanas (RM) que compõem a amostra pesquisada. Nesse contexto, optou-se por utilizar nesse relatório o último dado divulgado da média das seis RMs.

Decomposição da Evolução da Taxa de Desemprego

A taxa de desemprego (TD) nos últimos doze anos diminuiu, sugerindo redução da ociosidade da mão-de-obra. Como ressaltado em estudos anteriores¹, é importante que a análise da taxa de desemprego seja complementada para que se obtenha uma visão mais precisa do mercado de trabalho. Nesse sentido, este box apresenta desagregação dos fatores determinantes da variação da TD e a evolução desses fatores no período de 2002 a 2014, com base em dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

A variação da TD foi decomposta em três efeitos² associados à população ocupada (EPO); à população em idade ativa (EPIA) e à taxa de atividade (ETA), conforme abaixo:

$$dT D = \frac{\partial T D}{\partial P O} d P O + \frac{\partial T D}{\partial P I A} d P I A + \frac{\partial T D}{\partial T A} d T A \quad (1)$$

$$dT D = -(1 - T D) \frac{d P O}{P O} + (1 - T D) \frac{d P I A}{P I A} + (1 - T D) \frac{d T A}{T A} \quad (2)$$

Reescrevendo a equação acima em sua forma discreta, tem-se:

$$\Delta T D \approx -(1 - T D) \frac{\Delta P O}{P O} + (1 - T D) \frac{\Delta P I A}{P I A} + (1 - T D) \frac{\Delta T A}{T A} \quad (3)$$

onde os termos à direita da Equação 3 representam, respectivamente, EPO, EPIA e ETA. Observa-se que aumento de 1% na População Ocupada (PO) gera aproximadamente redução de (1-TD) p.p. na taxa de desemprego, e que aumento de 1% na População em Idade Ativa (PIA) ou na Taxa de atividade (TA) produz incremento de (1-TD) p.p.

O Gráfico 1 apresenta a variação em doze meses da taxa de desemprego, bem como sua decomposição em EPO,

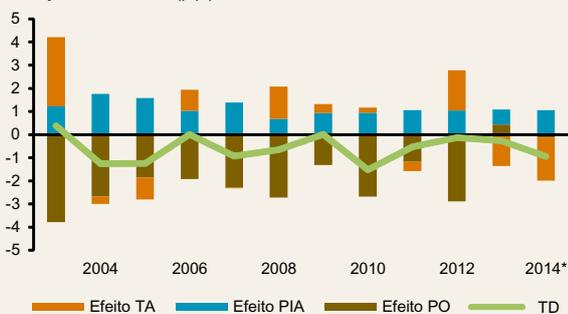
1/ “Indicadores Não Tradicionais do Mercado de Trabalho”, divulgado no Relatório de Inflação de junho de 2012; “Indicadores Alternativos do Mercado de Trabalho”, Relatório de Inflação de setembro de 2013 e “Medidas Abrangentes de Desemprego”, Boletim Regional de julho de 2013.

2/ Esses efeitos foram calculados a partir das definições de taxa de desemprego (TD) e taxa de atividade (TA): i) $T D = 1 - P O / P E A$, onde PO é a população ocupada e PEA é a população economicamente ativa; e ii) $T A = P E A / P I A$, onde PIA é a população em idade ativa.

EPIA e ETA. Observa-se que a evolução demográfica – medida pelo EPIA – contribuiu para aumentar o desemprego em todos os anos analisados, mas com tendência decrescente (contribuição média anual de 1,4 p.p. no período de 2002 a 2007 e de 0,9 p.p. de 2007 a abril de 2014).

Gráfico 1 – Decomposição da variação da TD

Variação em 12 meses (p.p.)



* Até abril.

Por sua vez, o EPO contribuiu para reduzir a taxa de desemprego de 2002 até 2012 (2,3 p.p. ao ano). Em 2013, entretanto, ocorreu o contrário, com o EPO respondendo por 0,4 p.p. do aumento da taxa de desemprego. No período de doze meses encerrado em abril de 2014 houve ligeiro aumento da PO, porém em magnitude inferior ao verificado até 2012.

A TA, diferentemente do ocorrido até 2012 (ETA de 0,6 p.p. ao ano), caiu em 2013 e intensificou este comportamento no período de doze meses encerrado em abril de 2014. O ETA teve contribuição negativa de 1,4 p.p. para a taxa de desemprego em 2013 e de 1,9 p.p. nos doze meses terminados em abril de 2014.

A análise pode ser aprofundada, focando categorias da população e período. Nesse sentido, os EPO, EPIA e ETA foram desmembrados por faixas etárias³, procedendo-se análise do ETA no período mais recente da amostra. A decomposição da variação da TD pode ser escrita da seguinte forma:

$$\Delta TD \approx EPO + EPIA + ETA \quad (4)$$

$$EPO \approx -(1 - TD) \sum_{i=1}^n \frac{\Delta PO_i}{PO} = -\frac{1 - TD}{PO} \sum_{i=1}^n \Delta PO_i \quad (5)$$

$$EPIA \approx \frac{1 - TD}{PEA} \sum_{i=1}^n TA_i \Delta PIA_i = \frac{1 - TD}{PIA} \sum_{i=1}^n \frac{TA_i}{TA} \Delta PIA_i \quad (6)$$

$$ETA \approx \frac{1 - TD}{PEA} \sum_{i=1}^n PIA_i \Delta TA_i = \frac{1 - TD}{TA} \sum_{i=1}^n \frac{PIA_i}{PIA} \Delta TA_i \quad (7)$$

onde $PO = \sum_{i=1}^n PO_i$, $PEA = \sum_{i=1}^n PEA_i$ e

$$PIA = \sum_{i=1}^n PIA_i .$$

3/ Foram consideradas as seguintes categorias etárias da população: i) de 10 a 17 anos; ii) de 18 a 24 anos; iii) 25 a 44 anos; iv) 45 a 59 anos; e v) mais de 60 anos.

Tabela 1 – Efeito da taxa de atividade sobre a taxa de desemprego

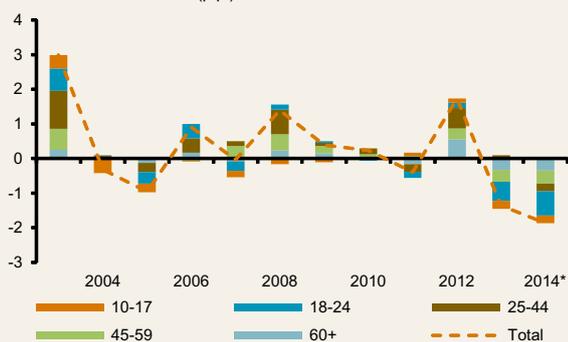
Acumulado em 12 meses (abr/2013 a abr/2014)

	Grupos etários					Total
	10-17	18-24	25-44	45-59	60+	
PIAi/PIA ^{1/} (%)	12,8	11,7	34,8	22,4	18,3	100,0
Var.TA em 12 m (p.p)	-1,0	-3,6	-0,4	-1,0	-1,1	-1,2
Efeito TA acum. 12 m (p.p.)	-0,2	-0,7	-0,2	-0,4	-0,3	-1,9

1/ Média de 12 meses.

Gráfico 2 – Efeito TA por grupo etário

Acumulado em 12 meses (p.p.)



* Até abril.

Observa-se na Tabela 1 que o ETA, no período de doze meses encerrado em abril de 2014, contribuiu para redução da TD em todas as faixas etárias, com destaque para a população entre 18 e 24 anos, para a qual a diminuição de 3,6 p.p. na TA resultou em ETA de -0,7 p.p. O grupo de adultos de 25 a 44 anos apresentou menor redução na TA, 0,4 p.p. (em torno de 1,0 p.p nas demais faixas etárias).

Em resumo, dentre outros aspectos, os exercícios revelam que a redução da TD nos últimos trimestres se deve ao recuo da taxa de atividade e não pelo efetivo aumento da população ocupada.

Tabela 1.4 – Produto Interno Bruto

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %				
	2013			2014	
	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
Agropecuária	12,4	8,6	7,3	2,8	1,2
Indústria	1,1	1,5	1,7	0,8	-1,4
Extrativa mineral	-5,0	-2,9	-2,2	5,4	6,8
Transformação	2,7	2,8	2,7	-0,5	-3,1
Construção civil	1,3	1,5	1,6	-0,9	-4,9
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	2,4	2,8	2,9	5,2	3,1
Serviços	2,2	2,2	2,2	2,0	1,1
Comércio	2,7	2,7	2,9	2,2	-0,2
Transporte, armazenagem e correio	2,4	3,3	3,1	4,0	2,4
Serviços de informação	4,4	4,6	5,7	4,4	3,7
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	1,5	1,9	1,5	2,6	2,5
Outros serviços	1,7	1,2	0,7	0,5	-0,5
Atividades imobiliárias e aluguel	2,8	2,6	2,3	2,0	1,8
Administração, saúde e educação públicas	1,9	2,1	2,2	1,9	1,6
Valor adic. a preços básicos	2,6	2,4	2,3	1,8	0,5
Impostos sobre produtos	3,4	3,6	3,5	2,4	0,2
PIB a preços de mercado	2,7	2,6	2,5	1,9	0,5
Consumo das famílias	2,7	2,6	2,6	2,2	1,7
Consumo do governo	1,6	1,9	2,0	3,4	2,1
Formação Bruta de					
Capital Fixo	5,0	5,6	5,2	-2,1	-6,8
Exportação	0,5	1,4	2,5	2,8	2,3
Importação	7,6	9,6	8,3	1,4	-0,6

Fonte: IBGE

Tabela 1.5 – Produto Interno Bruto

Trimestre ante trimestre imediatamente anterior

Dados dessazonalizados

Discriminação	Variação %				
	2013			2014	
	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
PIB a preços de mercado	2,1	-0,6	0,5	-0,2	-0,6
Agropecuária	3,8	-3,1	-0,9	3,1	0,2
Indústria	2,6	-0,3	-0,3	-1,2	-1,5
Serviços	1,3	0,1	0,5	0,0	-0,5
Consumo das famílias	0,5	0,8	0,8	-0,2	0,3
Consumo do governo	1,3	0,6	0,8	0,4	-0,7
Formação Bruta de					
Capital Fixo	4,2	-1,7	-1,9	-2,8	-5,3
Exportação	4,2	-1,0	3,9	-3,8	2,8
Importação	1,4	-0,6	-0,7	0,9	-2,1

Fonte: IBGE

se que o valor adicionado do setor industrial recuou pelo quarto trimestre consecutivo.

No âmbito da demanda doméstica, o consumo das famílias, após recuar 0,2% no primeiro trimestre do ano, cresceu 0,3% no trimestre encerrado em junho, contrastando com as retrações respectivas de 0,7% e 5,3% no consumo do governo e na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), dados dessazonalizados. O setor externo contribuiu positivamente para a evolução do PIB no trimestre, com variações de 2,8% nas exportações e -2,1% nas importações.

O PIB cresceu 0,5% no primeiro semestre do ano, em relação a igual intervalo de 2013. Sob a ótica da oferta, ocorreram expansões de 1,2% na agropecuária e 1,1% no setor de serviços, e retração de 1,4% na indústria. O desempenho positivo do setor primário foi favorecido pelas culturas de soja, algodão, arroz e mandioca; a expansão dos serviços repercutiu as expansões nas atividades serviços de informação, intermediação financeira e transporte; e o recuo na produção do setor industrial refletiu os resultados negativos da indústria de transformação e da construção civil.

A contribuição da demanda doméstica para o crescimento interanual do PIB atingiu 0,1 p.p. no primeiro semestre de 2014 (3,7 p.p. em igual intervalo de 2013), reflexo de variações respectivas de 2,1%, 1,7% e -6,8% no consumo do governo, no consumo das famílias e na FBCF. O setor externo exerceu contribuição de 0,4 p.p. (-1 p.p. no primeiro semestre de 2013), resultado de variações de -0,6% nas importações e de 2,3% nas exportações.

1.5 Investimentos

Os investimentos, excluídas as variações de estoques, diminuíram 11,2% no segundo trimestre e 6,8% no primeiro semestre de 2014, em relação aos períodos equivalentes de 2013, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Na margem, considerados dados dessazonalizados, a FBCF recuou 5,3% no trimestre finalizado em junho, em relação ao encerrado em março, quarto recuo consecutivo nessa base de comparação.

A absorção de bens de capital reduziu 15,6% no segundo trimestre do ano, em relação a igual período de 2013, resultado de reduções na produção (14,8%), exportação (1,8%) e na importação (13,9%) desses bens. A produção

Tabela 1.6 – Produção industrial

Discriminação	Trimestre ante mesmo trimestre do ano anterior (%)			
	2014			
	Abr	Mai	Jun	Jul
Insumos da construção civil	-3,4	-6,4	-9,0	-8,2
Bens de capital	-5,7	-10,6	-14,8	-12,2
Tipicamente industrializados	-9,0	-9,4	-8,8	-8,9
Agrícolas	-1,0	-4,7	-9,4	-8,9
Peças agrícolas	-15,1	-18,2	-20,3	-20,9
Construção	4,4	-3,2	-9,6	-10,7
Energia elétrica	4,3	5,0	6,5	8,2
Equipamentos de transporte	-10,8	-18,4	-24,5	-23,5
Misto	1,0	-0,9	-3,2	8,6

Fonte: IBGE

de insumos típicos da construção civil recuou 9,0% no período.

Os desembolsos do sistema BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpAr) – somaram R\$84,1 bilhões nos seis primeiros meses de 2014. O recuo de 5,0% em relação ao período equivalente de 2013 refletiu as reduções nos desembolsos para a indústria extrativa (13,0%), agropecuária (21,7%) e indústria de transformação (24,2%) e o aumento de 9,2% nos direcionados ao setor comércio e serviços.

1.6 Conclusão

A trajetória do PIB na primeira metade de 2014 sugere menor crescimento da economia este ano em relação ao observado em 2013. Para o segundo semestre, as perspectivas indicam atividade em expansão.

Revisão da Projeção do PIB para 2014

Tabela 1 – Produto Interno Bruto
Acumulado em 4 trimestres

Discriminação	Variação %		
	2014	2015	
	II Trí	IV Trí ^{1/}	II Trí ^{1/}
Agropecuária	1,1	2,3	3,1
Indústria	0,5	-1,6	-0,1
Extrativa mineral	3,5	6,9	5,9
Transformação	-0,2	-3,3	-1,4
Construção civil	-1,4	-5,1	-2,3
Produção e dist. de eletricidade, gás e água	3,3	1,8	0,8
Serviços	1,6	1,2	1,5
Comércio	1,5	0,1	1,3
Transporte, armazenagem e correio	3,1	1,5	0,3
Serviços de informação	5,3	3,4	3,2
Interm. financeira e serviços relacionados	2,0	2,9	2,5
Outros serviços	-0,4	0,0	0,9
Atividades imobiliárias e aluguel	1,8	2,0	2,0
Administração, saúde e educação públicas	2,1	1,8	1,8
Valor adicionado a preços básicos	1,3	0,6	1,2
Impostos sobre produtos	1,9	1,0	1,7
PIB a preços de mercado	1,4	0,7	1,2
Consumo das famílias	2,1	1,6	1,6
Consumo do governo	2,2	1,7	1,2
Formação Bruta de Capital Fixo	-0,7	-6,5	-2,4
Exportação	3,4	3,6	4,1
Importação	4,2	1,0	2,6

Fonte: IBGE

1/ Estimativa.

A projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) – incorporando os resultados do segundo trimestre, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e informações disponíveis sobre o trimestre em curso – indica expansão anual de 0,7% em 2014 (1,6%, no Relatório anterior).

Nesse contexto, a produção agropecuária deverá crescer 2,3% (estimativa anterior de 2,8%), haja vista que o desempenho do setor no segundo trimestre foi inferior ao estimado. A projeção de recuo da produção da indústria passou de 0,4% para 1,6%, resultado de revisões nas projeções para a produção da indústria de transformação, construção civil, e produção e distribuição de eletricidade, gás e água, que devem variar -3,3%, -5,1%, e 1,8%, respectivamente (-1,9%, -2,2% e 3,1% na estimativa anterior). Em parte, o impacto dessas variações é neutralizado pelo aumento da estimativa de produção da indústria extrativa, de 5,1% para 6,9%, ganho este esperado na extração de minério de ferro e de petróleo e gás. O crescimento do setor de serviços em 2014 está projetado em 1,2% (2% no Relatório anterior), em parte, reflexo da redução nas projeções de produção das atividades outros serviços, comércio e serviços de informação.

No âmbito da demanda agregada, cabe destacar: revisões, de 2% para 1,6%, na projeção para o consumo das famílias, e de -2,4% para -6,5%, na projeção para a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), consistentes com os resultados do segundo trimestre e com o recuo dos índices de confiança nas sondagens do consumidor e da indústria. A projeção para o consumo do governo passou de 2,1% para 1,7%.

Em relação ao componente externo da demanda agregada, as variações anuais das exportações e das importações foram revisadas de 2,3% para 3,6%, e de 0,6% para 1%, respectivamente.

A contribuição da demanda interna para a expansão do PIB em 2014 é estimada em 0,4 p.p., e a do setor externo, em, 0,3 p.p.

Projeção para os próximos quatro trimestres

O crescimento projetado para o PIB acumulado no período de quatro trimestres encerrado em junho de 2015 é de 1,2% (1,4%, no mesmo tipo de comparação, observado no segundo trimestre de 2014).

A produção agropecuária deverá aumentar 3,1% (1,1% no período de quatro trimestres encerrado em junho de 2014).

A variação da indústria está projetada em -0,1% (0,5% no período de quatro trimestres encerrado em junho de 2014), com aumento de 5,9% na indústria extrativa mineral e recuos de 1,4% na indústria de transformação e de 2,3% na construção civil.

O setor terciário deverá crescer 1,5% no período de quatro trimestres encerrado em junho de 2015 (1,6%, no mesmo tipo de comparação, no segundo trimestre de 2014). Destacam-se aumentos projetados para os segmentos serviços de informação, 3,2%; intermediação financeira, 2,5%; e atividades imobiliárias e aluguel, 2%.

No âmbito da demanda, projetam-se crescimentos de 1,6% para o consumo das famílias (2,1% em quatro trimestres até junho de 2014) e de 1,2% para o consumo do governo (2,2% em quatro trimestres até junho de 2014); e recuo de 2,4% para a FBCF (0,7% em quatro trimestres até junho de 2014). Exportações e importações de bens e serviços devem registrar elevações respectivas de 4,1% e 2,6% (3,4% e 4,2%, respectivamente, em quatro trimestres até junho de 2014).

As contribuições das demandas interna e externa para o crescimento do PIB no período de quatro trimestres encerrado em junho de 2015 deverão atingir 1,1 p.p. e 0,1 p.p., respectivamente.

Indicador de Difusão da Atividade Econômica Brasileira

Este box apresenta metodologia de cálculo de indicador de difusão construído pelo Banco Central, que se caracteriza por ser um instrumento de acompanhamento da evolução da atividade econômica brasileira com pequena defasagem temporal, e frequência mensal.

Essencialmente, o Indicador de Difusão da Atividade Econômica Brasileira (IDAE-Br) é construído seguindo procedimentos de ponderação por meio de otimização de séries temporais. Grosso modo, pode-se dizer que o IDAE-Br gera o percentual de séries econômicas, relacionadas ao nível de atividade, cujas médias dos últimos três meses apontaram crescimento em relação às médias dos três meses anteriores.

A partir de análise de amplo conjunto de indicadores econômicos dos mercados de trabalho e de crédito e dos setores industrial, externo, de serviços e de comércio, foram ao final selecionadas 39 séries, com divulgação mensal, que contêm informação relevante sobre o nível de atividade da economia brasileira como um todo. Nesse sentido, foram considerados os seguintes critérios de seleção:

- i) escolher indicadores divulgados até o dia 5 do segundo mês subsequente ao mês de referência¹, pois a escolha de data anterior reduziria substancialmente a disponibilidade de indicadores; e
- ii) minimizar redundância, priorizando o indicador mais agregado, quando há divulgação de seu detalhamento.

A Tabela 1 apresenta a lista dos indicadores econômicos selecionados, com suas respectivas fontes.

A partir da seleção dos indicadores econômicos, todas as séries que não são disponibilizadas com ajustes sazonais por suas respectivas fontes são dessazonalizadas, sendo

1/ As séries selecionadas que porventura não forem divulgadas até o dia 5 são excluídas do cálculo do IDAE-Br relativo ao respectivo mês de referência.

Tabela 1 – Indicadores selecionados para o cálculo dos Índices de Difusão

Fonte	Indicadores econômicos	Nº de séries
ABCR	Índice ABCR total Brasil (movimentos nas estradas)	1
ABPO	Expedição de papelão ondulado	1
ACSP	Consultas ao SPC e ao Usecheques	2
ANDA	Produção – Fertilizantes	1
Anfavea	Produção de automóveis e comerciais leves/ônibus/caminhões	3
BCB	Saldo da carteira de crédito	1
BCB	Concessões de crédito	1
BCB	Inadimplência da carteira de crédito	1
CNI	Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC)	1
CNI	Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)	1
CNI	Produção industrial – Indústria geral – Estoques	1
Fecomércio-SP	ICC – Índice das Condições Econômicas Atuais	1
Fecomércio-SP	ICC – Índice das Expectativas do Consumidor	1
FGV	ICI, Nuci e ICC	3
FGV	ICS, ISA-S e IE-S	3
IBGE	Rendimento médio real habitual – Ocupados/Conta própria/Privado/Público	4
IBGE	Taxa de desemprego aberto/Empregados/Ocupados	3
IBGE/PME	População desocupada – Pessoas	1
Instituto Aço Brasil	Produção de aço bruto	1
Markit	PMI – Indústria e PMI – Serviços	2
MDIC/Secex	Exportações – Kg – total	1
MTE/Caged	Empregados (admissões)	1
ONS	Geração de energia elétrica – Hidráulica, térmica e nuclear	3
Secretaria de Saneamento e Energia – São Paulo	Carga própria de energia elétrica – São Paulo	1
Total		39

considerado, inclusive, o efeito de feriados móveis no calendário, tais como os feriados de Carnaval, Páscoa e Corpus Christi².

Com o conjunto de séries dessazonalizadas, é construída série histórica mensal para o IDAE-Br em base trimestral (trimestre contra trimestre anterior), atribuindo-se inicialmente pesos iguais para cada série. Em seguida, aplica-se processo iterativo de otimização, visando encontrar o vetor de ponderação das séries selecionadas que maximiza a correlação histórica do IDAE-Br com a variação do PIB trimestral sazonalmente ajustado, usando amostra com início no primeiro trimestre de 2006³. Para realizar a maximização, inicialmente gera-se série trimestral do IDAE-Br com os dados de março, junho, setembro e dezembro. No momento seguinte, calcula-se a nova série mensal do IDAE-Br usando o vetor de ponderação resultante do processo

2/ O método de dessazonalização adotado é o Census X-12-Arima.

3/ O método de solução usado no processo de maximização foi o Gradação Reduzida Generalizada (GRG) Não Linear.

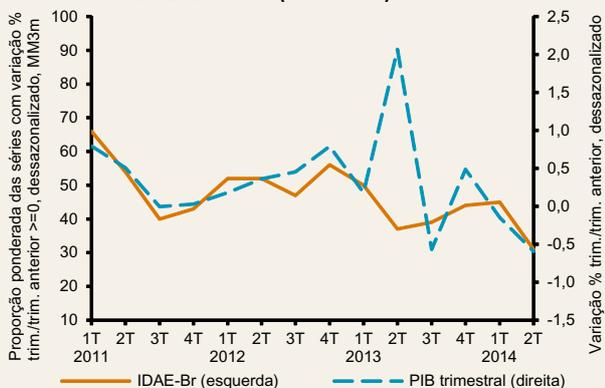
de maximização. A cada nova informação sobre o PIB trimestral, esse processo iterativo de otimização é replicado e nova série do IDAE-Br é gerada com base no novo vetor de pesos.

A Tabela 2 apresenta o resultado do processo iterativo de otimização usando dados até o segundo trimestre de 2014, no qual são mostrados 20 dos 31 indicadores econômicos com dados disponíveis até junho de 2014 – os que tiveram pesos positivos.

Tabela 2 – Indicadores econômicos com ponderações positivas após processo de maximização

Fonte	Indicadores econômicos:	Ponderação
Anfavea	Produção de automóveis e comerciais leves	3,16
ACSP	Consultas ao SPC	3,14
BCB	Inadimplência da carteira de crédito	3,07
CNI	Produção industrial – Indústria geral – Estoques	2,52
ANDA	Produção – Fertilizantes	1,66
Anfavea	Produção de ônibus	1,42
ONS	Geração de energia elétrica – Térmica convencional	1,42
MTE/Caged	Empregados (admissões)	1,38
FGV	ICS – Índice de Situação Atual (ISA-S)	1,32
ONS	Geração de energia elétrica – Hidráulica	1,26
FGV	ICS – Índice de Confiança de Serviços	0,89
ONS	Geração de energia elétrica – Nuclear	0,88
BCB	Saldo da carteira de crédito	0,70
Fecomércio-SP	ICC – Índice das Expectativas do Consumidor	0,51
FGV	Nuci	0,48
Fecomércio-SP	ICC – Índice das Condições Econômicas Atuais	0,32
Markit	PMI Serviços	0,21
ABPO	Expedição de papelão ondulado	0,11
CNI	Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC)	0,11
Secretaria de saneamento e energia – São Paulo	Carga própria de energia elétrica – São Paulo	0,10

Gráfico 1 – IDAE-Br x PIB (trimestral)



O Gráfico 1 apresenta comparativo da série de PIB Trimestral, sazonalmente ajustada a partir de 2011, com o valor da média móvel de três meses do IDAE-Br, calculada antes da divulgação do PIB trimestral. Cabe destacar que, excetuando-se o segundo trimestre de 2013, no qual o indicador de difusão atipicamente se afastou da série de PIB trimestral, a correlação amostral entre as duas séries no período amostral foi de 85%. Essa elevada correlação sugere que o IDAE-Br é eficiente em antecipar informação sobre o comportamento do PIB trimestral.

Em síntese, este boxe apresentou aspectos metodológicos da construção do IDAE-Br, que no período amostral considerado se mostrou ferramenta que antecipa informação sobre o desempenho da atividade econômica. Dessa forma, o IDAE-Br se soma a outras ferramentas de acompanhamento da conjuntura utilizadas pelo Banco Central.